

as
aventuras
de TOM
SAWYER

**EU
LEIO**



AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Mark Twain



Tradução

Duda Machado

Apresentação e apêndice

Geraldo Galvão Ferraz

**TEXTO
INTEGRAL**

ea
editora ática

Edição revista.

Título original: *The adventures of Tom Sawyer*
Título da edição brasileira: *As aventuras de Tom Sawyer*

GERENTE EDITORIAL Claudia Morales
EDITOR Fabricio Waltrick
EDITORA ASSISTENTE Fabiane Zorn
DIAGRAMADORA Thatiana Kalaes
COORDENADORA DE REVISÃO Ivany Picasso Batista
REVISORAS Cláudia Cantarin, Alessandra Miranda de Sá
PROJETO GRÁFICO Ludo Design
CAPA E ILUSTRAÇÕES Nate Williams
COORDENAÇÃO DE ARTE Soraia Scarpa
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA DE IMAGENS Cesar Wolf, Fernanda Crevin
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Ludo Design
PESQUISA ICONOGRÁFICA Fabiane Zorn

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T913a
7.ed.

Twain, Mark, 1835-1910
As aventuras de Tom Sawyer / Mark Twain ; tradução Duda Machado ; apresentação Geraldo Galvão Ferraz. - 7. ed. - São Paulo : Ática, 2011.
248p. : il. - (Eu Leio)

Tradução de: The adventures of Tom Sawyer
ISBN 978-85-08-14549-2

I. Romance americano. I. Machado, Duda, 1944-.
II. Ferraz, Geraldo Galvão III. Título.

11-0175. CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

ISBN 978 85 08 14549-2 (aluno)
ISBN 978 85 08 14550-8 (professor)
Código da obra CL 737539
CAE: 263598

2017
7ª edição
9ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 1997
Avenida das Nações Unidas, 7.221 | Pinheiros | CEP 05425-902 | São Paulo | SP
www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





Apresentação 7

Prefácio 13

I 15	XIII 94	XXV 161
II 22	XIV 102	XXVI 168
III 29	XV 108	XXVII 177
IV 35	XVI 113	XXVIII 180
V 45	XVII 122	XXIX 183
VI 50	XVIII 126	XXX 190
VII 61	XIX 134	XXXI 199
VIII 67	XX 137	XXXII 209
IX 72	XXI 142	XXXIII 212
X 78	XXII 148	XXXIV 221
XI 84	XXIII 151	XXXV 224
XII 89	XXIV 159	Conclusão 229

**Mark Twain:
o riso que belisca 231**

Bibliografia 241

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Em 1875, quando ainda não terminara *As aventuras de Tom Sawyer*, Mark Twain declarou cautelosamente: “Não é um livro para crianças, será lido só pelos adultos”. O autor, temendo que não levassem a sério o novo romance, procurava deixar claro que havia um novo Mark Twain em ação.

Ele não sabia como o público iria receber a história, mas achava que precisava mudar sua imagem de humorista “caipira”, sempre pronto a usar a simplicidade e a malícia do Oeste contra as sofisticadas da costa leste dos Estados Unidos, onde a influência europeia era mais forte.

Twain estava com 40 anos e já era muito famoso, mas sua ambição literária estava insatisfeita: ele queria traçar numa série de livros um vasto painel realista em que os protagonistas fossem meninos, numa espécie de epopeia divertida e aventureira. Para isso, mudou de fonte de inspiração e foi buscar temas e personagens na infância e na juventude, passadas no Velho Sul, à beira do rio Mississípi.

Lançado em 1876, *Tom Sawyer* foi o primeiro fruto desse projeto e teve sucesso imediato. Oito anos depois, Twain daria continuidade à história com *As aventuras de Huckleberry Finn* (1884), o romance que em geral é considerado sua obra-prima e um dos grandes marcos da literatura americana.

Muitas das aventuras descritas em *Tom Sawyer* são verdadeiras, vividas por Twain e seus amigos de escola. O suspense, o lirismo e





o humor estão sempre presentes, e o resultado é tão empolgante que fica difícil largar o livro antes do final. À vontade com o fato de poder observar o mundo pelos olhos de um menino, o escritor conta a amizade de seu herói com o garoto Huckleberry, a descoberta do amor com a menina Becky, a conspiração juvenil contra o mundo dos adultos representado pelo vilão Injun Joe.

O escritor usa uma narrativa flexível, que os críticos mais rígidos costumavam chamar de desleixada, mas que na verdade só contribui para uma leitura mais acessível — e surpreendentemente moderna, se considerarmos que o livro já tem mais de 130 anos.

Um dado engraçado é que, apesar de todas as suas qualidades (ou talvez por causa delas...), Tom Sawyer nem sempre foi bem recebido por pais e professores. Muitas bibliotecas públicas americanas chegaram a proibi-lo para menores, pois achavam que tanta travesura seria uma influência danosa para seus jovens e influenciáveis leitores. E estes, ao contrário do que Twain previu, sempre foram seus maiores fãs.

Geraldo Galvão Ferraz

AS
AVENTURAS DE
TOM SAWYER

À
MINHA ESPOSA
este livro é carinhosamente dedicado

PREFÁCIO

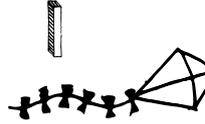
A maior parte das aventuras registradas neste livro ocorreu de fato; uma ou duas foram experiências pessoais, o resto veio de meninos que eram meus colegas. Huck Finn é extraído da vida; Tom Sawyer também, mas não de um indivíduo — ele é uma combinação de três meninos que eu conheci e, portanto, pertence à ordem compósita da arquitetura.

As curiosas superstições aqui tratadas eram todas correntes entre crianças e escravos no Oeste na época desta história — isto é, trinta ou quarenta anos atrás.

Embora meu livro esteja voltado principalmente para o entretenimento de meninos e meninas, espero que não seja posto de lado por homens e mulheres por esse motivo, pois parte do meu plano foi tentar de modo agradável recordar os adultos daquilo que eles já foram, e de como se sentiam, pensavam e falavam, e das estranhas aventuras em que às vezes se metiam.

O Autor

Hartford, 1876



— *Tom!*

Nenhuma resposta.

— *Tom!*

Nenhuma resposta.

— Onde foi que esse menino se meteu? *Tom!*

A velha senhora baixou os óculos e olhou por cima deles, em volta do quarto; depois, suspendeu-os e olhou por baixo deles. Raramente ou nunca ela olhava *através* das lentes para uma coisa tão sem importância como um menino, pois aqueles óculos eram um sinal de distinção e tinham sido encomendados mais por “estilo” que para uso — lentes feitas de ferro maciço teriam a mesma serventia. Ficou perplexa por uns instantes e disse, sem raiva, mas alto o bastante para ser ouvida até pela mobília:

— Ah, se eu te pegar, vou...

Nem terminou, pois tinha se abaixado para vasculhar debaixo da cama com a vassoura — e precisou tomar fôlego para dar outra cutucada. Mas quem deu as caras foi o gato.

— Não consigo pegar esse menino!

Foi até a porta e ficou olhando na direção dos pés de tomate e das figueiras. Nada de Tom. Então, depois de calcular a distância, berrou:

— *Tom!*

Um barulhinho atrás de si fez com que se virasse bem a tempo de apanhar o menino pelo cós da calça e interromper a sua fuga.

— Quietos aí! Estava na despensa, não é? E fazendo o quê?

— Nada.

— Nada! Veja só essas mãos e a boca. O que é isso aí?

— Sei não, tia.

— Mas eu sei, viu? É geleia, isso sim. Eu já lhe disse mais de vinte vezes para não mexer na geleia, ou lhe arranco o couro. Me dê essa vara.

A vara começou a erguer-se. Perigo no ar.

— Nossa! Tia, olhe aí atrás!

A velha senhora deu meia-volta e segurou a saia por instinto, enquanto o menino escapulia na mesma hora, escalava a cerca e desaparecia. Tia Polly ficou desorientada por um instante, mas logo depois começou a rir.

— Menino danado, esse. Será que eu não aprendo nunca? Ele já não me pregou peças o bastante para eu não cair mais em nenhuma? Quanto mais velha, mais tonta. Cachorro velho não aprende truque novo. E, por Deus, a toda hora ele inventa um diferente, como é que eu posso adivinhar o que ele vai fazer? Parece que ele sabe até que ponto pode me aperrear antes que eu me zangue, e sempre dá um jeito de ficar desconversando ou de me fazer rir, e aí pronto, eu não consigo nem dar uma palmada nele. Acho que não estou cumprindo o meu dever para com esse menino, essa é a verdade, Deus sabe. Poupar a vara estraga a educação da criança, como diz a Bíblia!. É, estou juntando pecado e sofrimento para nós dois. Ele tem o diabo no corpo, mas, ai de mim!, é o filho de minha falecida irmã, coitadinho, e não tenho coragem de dar uma surra nele. Toda vez que eu deixo pra lá, minha consciência dói; e toda vez que bato nele, fico com o coração partido. Bem, bem, homem nascido de mulher tem vida curta e cheia de aflição, como dizem as Escrituras, e eu acho que é assim mesmo. Ele vai gazetear hoje à tarde, e vou ter que obrigá-lo a trabalhar amanhã para puni-lo. Vai ser duro para ele trabalhar num sábado, quando todos os outros meninos estarão brincando, mas ele odeia



1 Referência à passagem bíblica: "Aquele que não faz uso da vara odeia seu filho, mas o que o ama desde cedo o castiga." (Provérbios 13:24.) (N.E.)

trabalhar mais do que qualquer outra coisa, e eu *tenho* que corrigir isso ou vou estragar essa criança.

Tom gazeteou mesmo e se divertiu muito. Voltou para casa bem na hora de ajudar Jim, o menino negro, a cortar lenha para o dia seguinte e juntar os gravetos antes do jantar — mas ainda teve tempo de contar suas aventuras para Jim, que fazia a maior parte do trabalho. O irmão (ou melhor, meio-irmão) mais novo de Tom, Sid, já tinha feito a sua tarefa (catar as lascas), pois era um menino sossegado.

Quando Tom estava jantando, e roubando açúcar sempre que podia, tia Polly fez umas perguntas cheias de malícia — pois queria apanhá-lo em respostas que o comprometessem. Como muita gente ingênua, ela tinha uma certa vaidade em se considerar dotada com um talento diplomático para despistar e ficava convencida de que seus truques mais óbvios eram verdadeiras maravilhas da astúcia. Então ela perguntou:

— Tom, não estava muito quente na escola hoje?

— Estava, tia.

— Quente demais, não é?

— É, tia.

— Não deu vontade de ir nadar, Tom?

Tom ficou logo com o pé atrás — uma incômoda sensação de desconfiança. Procurou algum sinal no rosto de tia Polly, mas nada. E respondeu:

— Não, quer dizer... não muita.

A velha senhora esticou a mão e apalpou a camisa de Tom:

— Mas você não está muito quente, não.

E ficou contente por ter descoberto que a camisa estava enxuta, sem dar a perceber que era isso que ela queria saber e não qual era a temperatura de Tom. Mas Tom entendeu a manobra. E, em seguida, adiantou-se ao que podia ser o próximo lance.

— Lá na fonte, a gente molhou a cabeça. A minha ainda está molhada, quer ver?

Tia Polly ficou vexada por ter subestimado aquele detalhe de prova circunstancial e por ter perdido o truque. Mas aí teve uma inspiração.

— Tom, para molhar a cabeça você não precisava desmanchar a costura que dei no colarinho de sua camisa. Desabotee a jaqueta.

Não havia mais nenhuma preocupação no rosto de Tom. Ele abriu a jaqueta. O colarinho da camisa estava com a costura.

— Diabo! Muito bem, está certo. Eu achava que você tinha gazeteado para ir nadar. Mas eu te perdoo, Tom. Acho que você é gato escaldado, como se diz, mas *desta* vez tudo parece em ordem.

Ela estava meio triste porque sua intuição falhara e meio contente porque Tom se comportara bem daquela vez.

Mas Sidney disse:

— Ora, eu pensava que a senhora tinha dado os pontos com linha branca, e não com essa preta aí.

— Mas, veja só, eu costurei com a branca! Tom!

Mas Tom não esperou pelo resto. Ao sair, gritou da porta:

— Sid!, você vai me pagar por essa!

Depois, num lugar seguro, Tom examinou as duas agulhas enfiadas na lapela da jaqueta — todas as duas com linha —, uma agulha com linha branca e outra com linha preta. Então disse:

— Ela não ia descobrir nunca se não fosse Sid. Eu me confundi! Às vezes ela costura com a branca e às vezes com a preta. Era melhor que fosse com uma só, assim eu não me atrapalhava. Mas ainda vou pegar o Sid por causa disso. Quero que a vaca tussa se não vou.

Tom não era nenhum menino-modelo. Conhecia um desses meninos-modelos até muito bem, mas o desprezava.

Dentro de uns dois minutos já esquecera todos os seus problemas. Não porque seus problemas não fossem uma carga pesada para ele, mas porque fora completamente absorvido por um novo e poderoso interesse; o mesmo acontece com os adultos quando esquecem suas infelicidades ao se envolverem com um novo empreendimento. A grande novidade que absorvia todo o interesse de Tom era um novo tipo de assovio que ele acabara de aprender com um negro, e precisava treinar bastante, em total sossego. Era um tipo especial de pio de passarinho, que se conseguia tocando o céu da boca com a língua em intervalos bem rápidos durante o assovio. Com aplicação e paciência, ele descobriu como era o truque e, depois, saiu pela rua, com um assovio nos lábios e alegria na alma. Era um sentimento idêntico ao do astrônomo que descobre um novo planeta. Mas, sem dúvida, o prazer do menino era maior e mais forte.

Os crepúsculos no verão são longos. Ainda não escurecera. Tom interrompeu seu assovio. Um estranho estava ali bem à sua frente; era um menino muito maior que ele. Um recém-chegado de qualquer idade ou sexo era sempre uma grande novidade na vila de São Petersburgo. O menino estava bem-vestido, até bem demais para um dia de semana. Era espantoso. O chapéu era caprichado, o paletó azul todo abotoado era novo e elegante, assim como as calças. Além disso, estava calçado, e isso numa sexta-feira qualquer. Mas não era só: também usava uma gravata brilhante e listrada. Tinha aquele jeito de cidade que irritava Tom. Quanto mais reparava naquela elegância, mais Tom torcia o nariz para aquela pompa; e cada vez mais se achava roto e esfarrapado. Nenhum dos dois dizia nada, e, se um se mexia, o outro também — sempre para o lado, em círculo. Ficaram se encarando assim, o tempo inteiro. Finalmente, Tom disse:

— Se quiser, eu bato em você.

— Então tente pra ver.

— É só eu querer.

— Não é não.

— É sim.

— Não é não.

— É sim.

— Não é não.

— É.

— Não é.

Pausa constrangedora. Então, Tom disse:

— Qual é o seu nome?

— Talvez isso não seja da sua conta.

— Bem, eu vou *fazer* com que seja.

— Então por que você não *faz*?

— Se você ficar falando muito, eu vou.

— Muito, muito, *muito*. E aí?

— Ah, você se acha esperto, né? Eu poderia te bater com uma mão amarrada nas costas, se eu quisesse.

— Então por que você não *bate*? Você só *diz* que vai bater.

— Pois eu *vou*, se você me encher o saco.

— Ah, sim... já vi muita gente igual a você.

— Sabichão! Você tá achando que é o *máximo*, né? Ah, que belo chapéu!

— Se você não gosta, é só tentar tirá-lo que você vai ver uma coisa. Faço você engolir ele todinho.

— Mentira.

— Você é que é mentiroso.

— Acho que você não é de nada.

— Palhaço!

— Se me provocar, vou abrir sua cabeça com uma pedrada.

— Ah, é, é?

— É sim.

— Então venha. Em vez de dizer, por que é que você não faz? Hein? Porque tá com medo.

— Não tenho medo de você.

— Tem.

— Não tenho.

— Tem.

Outra pausa, os dois se encaram, frente a frente. Tom diz:

— Some daqui!

— Some você!

— Eu não.

— Nem eu.

Ficaram assim, um de frente para o outro, um empurrando o outro com força e se olhando com raiva. Depois de muitos empurrões, os dois já vermelhos, bufando, cada um deles começou a relaxar, com cuidado.

— Você é covarde, não é de nada — disse Tom. — Vou falar com meu irmão mais velho. Com um dedo só ele te joga no chão.

— Eu não tô nem aí pro seu irmão. O meu é muito mais forte e vai jogar o seu por cima dessa cerca.

Claro, os dois irmãos eram imaginários.

— Mentira!

— Você vai ver!

Tom riscou uma linha na terra com o dedão e disse:

— Pise neste risco se você for homem. Vou te quebrar todinho.

O outro garoto pisou no risco.

— Taí, agora eu quero ver.

— É melhor você tirar logo esse pé.

— Você não *disse* que ia me bater? E aí?

— Quer apostar como eu *vou* te bater?

O menino tirou duas moedas do bolso e estendeu-as com ar de desafio.

Tom acertou-as com um tapa e elas caíram no chão.

Num minuto, os dois estavam agarrados e rolando no chão, embolados, trocando murros, se rasgando, dando pontapés, um acertando o nariz do outro, cobertos de poeira e de glória. Quando a poeira começou a assentar, Tom estava em cima do garoto, dando socos.

— Diga que se rende! — gritou Tom.

O garoto lutou para se desvencilhar. Estava chorando de raiva.

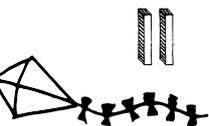
— Diga que se rende! — E a pancadaria continuou.

Por fim, o novato resmungou uma rendição e Tom saiu de cima dele, dizendo:

— Isso é pra te mostrar, pra você não se meter a besta comigo.

O garoto saiu limpando a poeira da roupa, soluçando, fungando e, de vez em quando, virando-se e ameaçando pegar Tom da próxima vez — ao que Tom respondia com chacotas e ia andando com ar de vencedor. Mas, quando deu as costas, o garoto apanhou uma pedra, jogou-a, acertando no ombro de Tom, e deu no pé. Tom, porém, perseguiu o traidor até a casa dele, descobrindo onde morava. Ficou de vigia no portão, desafiando o inimigo a sair de novo; mas o inimigo limitou-se a ficar fazendo caretas pela janela. Por fim, surgiu a mãe do inimigo, que chamou Tom de mau, de sem-vergonha, de moleque e mandou-o ir embora. Ele se afastou, mas disse que ia pegar o menino de jeito.

Ele chegou tarde em casa naquela noite e, quando ia pulando a janela com toda a cautela, caiu na emboscada de sua tia; e, quando ela viu o estado de suas roupas, tomou a firme resolução de dar-lhe um castigo, fazendo-o trabalhar no sábado.



A manhã de sábado chegou; era o verão com todo o seu brilho e frescor, transbordando de vida. Havia uma vontade de cantar em cada coração, e, se o coração era jovem, a música vinha até os lábios. Todo mundo respirava alegria, como se fosse começar a dançar a qualquer hora. As acácias floresciam, e seu perfume estava no ar. A colina de Cardiff, um pouco afastada da vila e dominando-a do alto, estava toda verde. Vista à distância, parecia uma terra encantada, de sonhos, cheia de paz e convidativa.

Tom estava na calçada com um balde de cal e um pincel de cabo comprido. Correu os olhos pela cerca, a alegria desapareceu, e uma grande melancolia tomou conta dele. Mais de 27 metros de tábua por quase três metros de altura! A vida pareceu-lhe um vazio, e a existência um fardo. Suspirando, molhou o pincel e passou-o pela tábua mais alta; repetiu a operação, fez tudo de novo mais uma vez. Comparou a insignificante parte caiada com a enorme extensão de cerca que ainda ia receber cal e sentou-se num caixote, desanimado. Jim vinha saindo pelo portão, carregando um balde de água e cantando. Tirar água da bomba sempre parecera uma coisa detestável para Tom, mas agora não parecia tão ruim assim. Lembrou-se de que sempre havia gente na bomba-d'água. Meninos brancos, mulatos e negros estavam sempre se revezando, descansando, negociando brinquedos, discutindo,

brigando, divertindo-se. Lembrou-se também de que, embora a bomba-d'água ficasse a apenas uns 130 metros dali, Jim demorava sempre uma hora para trazer um balde cheio; e, mesmo assim, só depois que alguém ia atrás dele.

— Ei, Jim, eu vou buscar a água enquanto você dá uma mão de cal por aqui.

Jim balançou a cabeça e disse:

— Não posso, não. Dona Polly me disse pra eu trazer a água e não ficar de conversa com ninguém. Ela disse também que com certeza o patrãozinho ia me pedir pra eu cair, e aí ela disse que era pra eu cuidar do meu serviço e não me meter no seu trabalho.

— Ora, Jim, não ligue pro que ela disse. Ela sempre está dizendo essas coisas. Me dê esse balde aí; eu vou e volto num minuto. Ela não vai saber de nada.

— Mas eu não posso, seu Tom. Ela vai arrancar meu pescoço fora. Vai sim.

— *Ela!* Ela nunca bate em ninguém, só dá uns cascudinhos de leve com o dedal. A gente nem sente nada. Ela fala toda zangada, mas conversa não dói, e se dói mesmo é porque ela acaba chorando. Jim, eu lhe dou uma bola de gude. Eu lhe dou uma toda branca.

Jim começou a ficar balançado.

— A bolinha toda branca, Jim, a mais legal.

— Puxa, isso é demais. Mas eu tenho um medo que me pelo de dona Polly.

— E tem mais: se você quiser eu lhe mostro o meu dedo machucado.

Jim era apenas humano — aquilo era tentação demais para ele. Largou o balde, pegou a bolinha branca. Mas no minuto seguinte estava voando a toda pela rua com o balde e o traseiro formigando. Tom caíava com todo o vigor, e tia Polly ia saindo de campo com um chinelo na mão e triunfo nos olhos.

Mas a energia de Tom durou pouco. Começou a pensar nas diversões que tinha planejado para aquele dia, e sua tristeza se multiplicou. Logo os meninos que estavam livres iriam passar por ali entregues às mais deliciosas brincadeiras, e iriam fazer pouco dele porque tinha de trabalhar — tinha vontade de sumir só de pensar

nisso. Tom deu uma olhada nas riquezas que tinha à sua disposição — pedaços de brinquedos, bolas de gude e umas bugigangas; o bastante para fazer uma troca de *tarefas*, talvez, mas não o bastante para comprar meia hora de pura liberdade. Enfiou aquilo tudo de novo no bolso e desistiu da ideia de comprar os meninos. Nesse momento difícil e desesperado, surgiu uma inspiração. Nada mais nem menos do que uma grande, magnífica inspiração.

Pegou o pincel e voltou tranquilamente ao trabalho. Ben Rogers apareceu; justamente o maior gozador, aquele que ele mais temia entre os meninos. O andar de Ben era um saltitar miúdo, ritmado — prova de que estava alegre, animado. Vinha comendo uma maçã e soltando um silvo longo de vez em quando, seguido de um *ding-dong-dong* bem agudo, pois estava brincando de ser um navio. À medida que ia se aproximando, foi diminuindo a velocidade; seguiu pelo meio da rua, inclinou-se para a direita, como se fosse a estibordo, e dobrou a esquina com toda a imponência, pois estava encarnando o *Big Missouri*, navio com um calado de quase três metros. Era o navio, o capitão e as sinetas ao mesmo tempo, por isso tinha que imaginar que estava no convés superior dando as ordens e executando-as.

— Parar! *Ting-a-ling-ling*. — O navio parou de avançar e derivou lentamente para a calçada. — Ré! *Ting-a-ling-ling!* — Esticou e retesou os braços ao longo do corpo. — A estibordo! *Ting-a-ling-ling!* Chou! *Ch-chou-uou-chou!*

Sua mão direita ia descrevendo círculos bem largos, pois representava uma roda com 12 metros de diâmetro.

— De novo a ré, a bombordo! *Ting-a-ling-ling!* Chou-chou-chou! — A mão esquerda começou a descrever círculos. — Parar a estibordo! *Ting-a-ling-ling!* Parar a bombordo! Um pouco à frente, a estibordo! Parar! Âncoras! Força! Agora, soltar! Parar as máquinas! *Ting-a-ling-ling!* Chit-chit-chit! — Era o ruído dos cabos.

Tom continuava caindo — sem prestar atenção às manobras do navio. Ben parou por um instante e perguntou:

— *Ei, você está em apuros, né?*

Nenhuma resposta. Tom mirava seu último retoque com olho de artista; então, deu uma nova mão de tinta com cuidado e ficou olhando para o resultado outra vez. Ben ficou a seu lado.